



ENTREVISTA COM IAN VÁSQUEZ

“O maior desafio da Venezuela é defender a liberdade”

O momento político não é nada bom na América Latina. Dezesete países da região são governados por membros do Foro de São Paulo. O que se viu na última década foi uma ação coordenada e eficiente para conquistar o poder nos países, utilizando os instrumentos democráticos, para depois solapar a democracia e violar os direitos e as garantias individuais. Além de políticos, intelectuais, artistas, faziam parte do Foro de S. Paulo terroristas da Forças Arma-

das Revolucionárias da Colômbia (FARC), depois afastados formalmente, mas mantidos de maneira informal. Um dos destacados membros do Foro é o presidente da Venezuela Hugo Chávez. Sob seu comando o país tornou-se um lugar perigoso para todos aqueles que não o apoiassem. Em fevereiro passado, depois de uma derrota em 2007, Chávez conseguiu derrubar a limitação à reeleição para a presidência, um dos mais importantes instrumentos da democracia para garantir a alternância de poder.

Foi sobre o atual momento político na Venezuela e seu personagem mais ameaçador, Chávez, que conversei com Ian Vásquez, director do Center for Global Liberty and Prosperity do Cato Institute e analista arguto da política latino-americana que escreve para o *Wall Street Journal*, *Washington Times*, *Financial Times* e faz comentários na CNBC, NBC, C-SPAN Washington Journal, CNN en Español, Telemundo. De Washington, via Skype, Vásquez não teve dúvidas ao afirmar que “o maior desafio da Venezuela é defender a liberdade”.

No ano passado, o Cato Institute conferiu ao estudante Yon Goicoechea o Prêmio Milton Friedman pela Promoção da Liberdade 2008 por sua luta pelas liberdades em seu país ameaçadas pelo governo de Hugo Chávez. No dia 15 de fevereiro, os venezuelanos aprovaram em referendo a reeleição ilimitada para alguns cargos públicos, entre eles o de presidente, o que beneficia Chávez diretamente. Qual é a avaliação política que você faz sobre a aprovação do referendo?

Após a proposta constitucional ter sido rejeitada em 2007, Hugo Chávez despertou para o problema da oposição no país porque foi a sua primeira grande derrota. Pela primeira vez, líderes políticos, que se opõem ao poder, conseguiram derrotar Chávez. Por isso, era da maior urgência que Chávez tentasse alterar a Constituição. Chávez derrubou a limitação do mandato presidencial justamente para poder usar todos os poderes do estado e



neutralizar a oposição.

No último referendo Chávez gastou muito dinheiro, usando os recursos do estado, para conquistar os votos que aprovaram a reeleição ilimitada.

Qual é o problema que se impõe na legitimidade política obtida por Chávez através do voto popular para permanecer no poder indefinidamente?

A limitação de mandato é um bom instrumento democrático. O fato de presidentes latino-americanos, uma vez no poder, tentarem alterar a limitação de mandato é uma tentativa de violar a democracia. Isso não é nada bom.

Chávez usa os instrumentos democráticos para legitimar suas ações. É possível enquadrar o regime político da Venezuela em algumas das classificações disponíveis: democracia iliberal, autocracia etc?

É difícil tentar classificar democracias. A Venezuela tinha

Chavez também exerce um grande controle sobre os recursos privados. E eliminou a independência do Banco Central. Além disso, desde o ano passado ele governa por decreto, algo impensável numa democracia.

uma democracia anos atrás. Sob o comando de Chávez os checks and balances foram eliminados. Chávez controla a Suprema Corte, o Congresso, os Militares. E ninguém sabe exatamente o destino do uso massivo dos recursos do estado, exceto Chávez. A rota do dinheiro é desconhecida.

Chávez também exerce um grande controle sobre os recursos privados. E eliminou a independência do Banco Central. Além disso, desde o ano passado ele governa por decreto, algo impensável numa democracia.

Nos últimos dias, decretou um grande número de medidas que deram a ele poderes extraordinários para implementar, a qualquer tempo, o que desejar. É o que está fazendo agora.

No paper *The Price of Political Opposition: Evidence from Venezuela's* Maisanta, o economista venezuelano e professor da Wesleyan University, Francisco Rodriguez, mostrou como o governo Chávez usa o estado para solapar a democracia e impor um alto custo econômico aos cidadãos que não o apóiam. E no trabalho *An empty revolution – The unfulfilled promises of Hugo Chávez* revelou que as estatísticas oficiais não provavam o sucesso das políticas públicas do governo venezuelano a favor dos pobres. Mesmo assim, Chávez ainda seduz grande parte da população. Por quê?

Bem, o regime de Chávez também depende de legitimidade. Na América Latina, especialmente na Venezuela, que nunca teve uma democracia liberal, houve (e há) governos que utilizam várias formas de favoritismo e mercantilismo e isso cria um ressentimento compreensível entre a maioria da população que não se beneficia desses acordos. Essa situação abre janelas para o populismo e oportunistas políticos como Hugo Chávez.

As promessas de Hugo Chávez tocam boa parte da população. E ele se apresenta como um outsider do sistema político tradicional que defende os pobres.

Apesar de certo desgaste depois de 10 anos de poder ele ainda tem muito apoio em Venezuela, inclusive entre os pobres. Mas as pessoas que votaram contra a reeleição ilimitada no último referendo representam uma boa fatia de venezuelanos que não apóiam o governo de Chávez.

Alguns dos principais factores que estimulam o desenvolvimento são a estabilidade política e monetária, segurança e a proteção dos direitos de propriedade, moderação da fiscalidade e da dimensão do estado, liberdade de investimento, flexibilidade dos mercados de trabalho e limitação da corrupção. Como é possível analisar o caso da Venezuela levando em consideração a forte relação que há entre a liberdade individual e a liberdade econômica com a prosperidade e o crescimento?

Há uma relação muito forte entre liberdade econômica e prosperidade, e entre liberdade econômica e alto crescimento. Essa relação também existe na Venezuela. Mas o nível de liberdade econômica na Venezuela está diminuindo.

Chávez teve sorte por ter sido presidente numa época de altos preços das commodities e do boom econômico mundial. Por isso, o crescimento tem sido alto na Venezuela nos últimos 7 anos. Se o que sabemos sobre a relação entre política e seus resultados estiver correta então podemos ter certeza de que as políticas que Chávez implementou não

são responsáveis pelo alto crescimento na Venezuela nos últimos anos. E que o rápido crescimento econômico é insustentável e, em vez disso, haverá consequências negativas, como baixo crescimento, inflação altíssima e outros problemas econômicos.

Chávez vem financiando sua revolução bolivariana com o dinheiro dos recursos naturais do país, principalmente do petróleo. É tentador achar que, sem os recursos, ele perderá poder, mas a história não é tão implacável com os protoditadores. É possível imaginar até onde Chávez consegue ir?

Eu não sei até onde ele pode ir e até ele provavelmente não sabe. Mas a Venezuela não é Cuba. Não é uma ilha que pode se manter isolada. Chávez depende de outras partes do mundo para o país sobreviver. Ao mesmo tempo o poder que ele tem permite-o se dedicar à sua forma peculiar de revolução.

Ainda sobre a legitimidade, qual o significado político e popular do apoio recebido por Chávez de líderes de outros presidentes, como o do Brasil e de Portugal (Chávez foi convidado pelo primeiro-ministro José Sócrates para participar do Congresso do Partido Socialista realizado em Espinho no mês de Março por causa, segundo Sócrates, do “relacionamento muito forte com a Venezuela”)?

A mensagem de Chávez como um outsider que supostamente representa os pobres atrai grande atenção da população na América Latina.

A América Latina é um continente dividido por várias formas de populismo. A associação com Chávez é uma forma fácil de os políticos latino-americanos se aproximarem dos pobres, infelizmente.

A América Latina passa por um período politicamente muito complicado. Além de Chávez, Evo Morales, Rafael Correa, Cristina Kirschner e Lula têm difundido a ideia da necessidade do governo com poderes ilimitados, com medidas intervencionistas e protecionistas. O discurso já vinha sendo assimilado por parte da população dos respectivos países e encontra terreno fértil com a crise econômica. O que fazer para defender as liberdades e o governo limitado diante de uma situação tão grave como essa?

Não é fácil se um governo tem muitos recursos. Mas algumas medidas devem ser adotadas: organizar formas políticas de se opor em manifestações públicas para explicar o que está errado nas decisões que o governo está implementando; organizar atividades; publicar artigos e estudos; tudo o que puder ser feito. Não há uma única solução para todos os países e deve-se tentar formular diferentes questões para garantir uma maior liberdade. É muito importante aproveitar oportunidades para potencializar a liberdade.

Qual é o maior desafio político da América Latina e, mais especificamente, da Venezuela?

O maior desafio da Venezuela é defender a liberdade. Até se Chávez deixar o posto ou se seu governo entrar em colapso, o desafio central de qualquer governo na Venezuela será o monopólio dos recursos pelo estado. Na Venezuela há muito poder e muitos recursos concentrados nas mãos do estado. ●